

Queridos pais,

Vocês já devem ter assistido e, provavelmente, se emocionado com o filme *Patch Adams – O Amor é Contagioso*. Se não assistiram, fica aqui uma excelente dica para assistir com toda a família reunida. O filme mostra em plena juventude, um jovem lidando com perdas, com angústia, com depressão e com conflito quanto a seu propósito de vida. O mesmo encontrou em sua vocação médica uma razão pela qual valia a pena viver: o amor e o cuidado com o próximo. Patch Adams rejeitou a coisificação do ser humano e valorizou relacionamentos significativos.

Falar em relacionamentos é desafiador em nosso tempo, especialmente na família. Pois as relações estão fragilizadas e há descompasso entre as gerações. Nossas crianças, adolescentes e jovens recebem um volume de informações descomunal. Em uma entrevista ao site Escola da Inteligência, Augusto Cury comentou que estamos assistindo ao assassinato coletivo da infância das crianças e da juventude dos adolescentes no mundo todo. Não estamos apenas assistindo, mas sendo cúmplices. Parte disso se dá por meio do excesso de estímulos através de acesso ilimitado às redes sociais, *smartphones* e afins. Ele ainda acrescenta que os pais devem cruzar suas vidas com a de seus filhos, precisam falar de suas próprias lágrimas para que os filhos aprendam a gerenciar suas emoções. Também faz um alerta: viciamos nossos filhos e alunos a receber muitos estímulos para sentir migalhas de prazer. O resultado disso são pessoas intolerantes e superficiais.

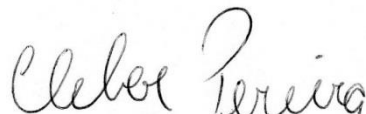
Os pais precisam voltar de seu exílio educacional e reassumir o protagonismo na promoção e mediação das experiências emocionais de seus filhos, papel esse que fora assumido pela internet. Como escola, estamos preocupados com o desenvolvimento integral de nossos alunos e somos parceiros nesse processo educacional dos filhos, assim como as Novas Tecnologias também podem ser. Entretanto, cremos que é papel fundamental dos pais influenciar e supervisionar seus filhos quanto ao tempo e modo de consumir o que as Novas Tecnologias oferecem. Antigamente os perigos estavam apenas na rua, hoje abrimos uma tela em nossa casa e nossos filhos ficam vulneráveis a um mundo de oportunidades e males, tais como jogos com desafios os quais colocam a vida em risco, imagens e personagens mórbidos, golpes, pedofilia, ideologias contrárias ao ensino bíblico etc.

Em artigo publicado na revista HUPE (UERJ) a psiquiatra Evelyn Eisenstein aponta para alguns sinais de alerta quanto ao risco de uso digital, segue abaixo um resumo:

- Excesso de tempo de conexão acima de 2-3 horas diárias;
- Prejuízo das horas e da qualidade do sono e compulsão pela internet;
- Desligar abruptamente o computador ou mudar a tela na presença de algum familiar adulto;
- Afastar-se da família e isolar-se no quarto e/ou no computador;
- Queda no rendimento escolar sem qualquer motivo aparente;
- Acesso a salas de bate-papo restritas ou privativas (chamadas de áreas de sussurro) e sem monitoramento das conversas;
- Ser participante ou alvo de *cyberbullyng* como vítima, agressor ou como mero colega que acompanha o problema sem denunciar o que ocorre na escola ou em qualquer outro lugar

Calma! Tenhamos esperança e fé. Precisamos nos “conectar” com nossos filhos e alunos. A lacuna para criarmos nossa rede de comunicação com os jovens é o relacionamento, é estarmos disponíveis. O caminho para isso é ficarmos mais *off-line* no mundo virtual e mais *online* na vida real. O Patch Adams compreendeu a força dos bons relacionamentos. E em se tratando de família, a Palavra de Deus nos orienta com princípios para conduzir nossas ações na formação de nossos filhos: “*Eduque a criança no caminho em que deve andar e até o fim da vida não se desviará dele.*” (Pv 22.6). Educar, instruir, inspirar, fascinar é primeiro uma responsabilidade dos pais. Nunca delegue a primazia desse privilégio a coisas, pessoas ou instituições. Contem com nossa parceria e com a bênção de Deus!

Em Cristo!



Cleber de Oliveira Pereira
Capelão – Colégio Couto Magalhães